

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL E VIII SIMPÓSIO NACIONAL DE LITERATURA E INFORMÁTICA

Literatura e internet: arte digital, escola experimental.

JORNADA EM AÇÃO

09 a 11 de novembro de 2016

UPF

Passo Fundo (RS), Brasil.

REPRESENTAÇÕES DE LEITURA E TECNOLOGIA: UMA ANÁLISE DE ENTREVISTAS REALIZADAS COM FAMÍLIAS

Roberta Gerling Moro¹ (ULBRA)

INTRODUÇÃO

Este artigo tem, como objetivo, apresentar o resultado das análises realizadas sobre as representações de pais de crianças brasileiras de classe média sobre leitura literária e uso de tecnologia por parte de seus filhos. É importante esclarecer que este trabalho faz parte de uma pesquisa mais ampla, realizada como dissertação de mestrado, iniciada em 2016, sobre a leitura de livros digitais infantis (app books) por crianças com idade entre 3 a 10 anos². Aqui serão apresentadas apenas as análises realizadas como parte preliminar da pesquisa, destinadas a verificar as representações que os pais selecionados como sujeitos da pesquisa veiculam, através de suas falas, sobre leitura e sobre uso de aparelhos de computação por parte de seus filhos. Os dados aqui analisados foram coletados a partir da seleção de três famílias de classe média que habitam em um condomínio fechado, chamado Bellville, na cidade de Osório, RS. Para a coleta de dados, foram realizadas gravações de áudio das entrevistas, bem como registros em um diário de campo, sendo que as gravações foram transcritas posteriormente para análise.

¹ Licenciada em Artes Visuais e Mestranda do Programa de Pós-Graduação da Universidade Luterana do Brasil (PPGEDU/ULBRA), Canoas, Brasil. Bolsista Capes/Prosup. E-mail: robgmoro@gmail.com

² A pesquisa de mestrado referida intitula-se “A leitura de livros digitais para crianças: uma análise sob a perspectiva dos Estudos Culturais” e tem como objetivo principal analisar como ocorre a recepção de livros digitais entre crianças de 3 a 10 anos. Para a realização da pesquisa foi necessária a apreciação do Comitê de Ética da Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), instituição onde está sendo desenvolvida a dissertação. O projeto foi enviado no mês de maio de 2016 e aprovado em julho do mesmo ano (número do parecer: 56844416.1.0000.5349).

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL E VIII SIMPÓSIO NACIONAL DE LITERATURA E INFORMÁTICA

Literatura e internet: arte digital, escola experimental.

JORNADA EM AÇÃO

09 a 11 de novembro de 2016
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

Em um primeiro momento, foi lançado um convite para os moradores do condomínio que tivessem crianças com idades entre 3 a 10 anos e que se interessassem em participar da pesquisa. Após as respectivas negociações com as famílias, foram selecionados, como sujeitos da pesquisa, um menino de 3 anos; uma menina de 4 anos; uma menina de 7 anos; um menino de 10 anos e uma menina de 8 anos. Em um segundo momento, foram marcadas três entrevistas com os pais, para a verificação dos hábitos de leitura da família e do uso de mídias digitais por parte das crianças. Posteriormente, foram realizados encontros com as crianças para a leitura de livros impressos, livros digitais (app books) e e-books. Esses encontros foram organizados a partir da disponibilidade das crianças e dos pais, e foram feitas gravações de vídeos das crianças utilizando o Ipad e tablets, bem como de conversas com os participantes.

Este estudo tem como base teórica os Estudos Culturais, principalmente o conceito de *representação*, conforme postulado pelos autores Stuart Hall (1997), Paul du Gay (2003), entre outros. Para esses autores, a representação é um conceito dinâmico e consiste na prática através da qual os sujeitos dão sentido ao mundo, o que ocorre porque relacionam os objetos pelos quais são interpelados com os signos disponíveis na cultura de que fazem parte para produzir seus próprios significados sobre a realidade. Neste trabalho, será utilizado o conceito “representação” para analisar as práticas simbólicas operadas pelos pais na definição dos hábitos de leitura e de consumo de mídia por parte de seus filhos.

Para as entrevistas e práticas de leitura realizadas com as famílias, baseio-me nos estudos realizados pelo grupo GRETEL (Grupo de Investigación de literatura infantil y juvenil y educación literaria de la Universitat Autònoma de Barcelona)³, o qual reúne pesquisadores da Universidade Autònoma de Barcelona (UAB) e outros especialistas da literatura infantil e educação literária. Este grupo de pesquisadores tem como objetivo principal explorar os efeitos da literatura digital sobre a aprendizagem literária, verificando as mudanças ocorridas com a introdução da literatura digital na produção de

³ <http://www.gretel.cat/es/presentacion/>

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL E VIII SIMPÓSIO NACIONAL DE LITERATURA E INFORMÁTICA

Literatura e internet: arte digital, escola experimental.

JORNADA EM AÇÃO

09 a 11 de novembro de 2016
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

literatura endereçada a crianças e adolescentes, na recepção de leitura destes grupos e nos hábitos de leitura que fazem parte do cotidiano familiar e escolar (MANRESA; REAL, 2015).

Entre 2012 e 2015, o grupo conduziu um projeto intitulado “*Literatura infantil y juvenil: producción, usos lectores, recepción y prácticas docentes*”(Literatura infantil e juvenil digital: produção, hábitos de leitura, recepção e práticas docentes), apoiado pelo Ministério de Economia e Competitividade do governo Espanhol. Entre outros aspectos, os principais objetivos levados em conta no momento da pesquisa eram: analisar as transformações produzidas nos trabalhos digitais, principalmente nas formas multimodais de narração e na incorporação de novos recursos para a participação do leitor na narrativa; estudar a recepção da literatura digital em relação a questões como motivação, compreensão, interpretação e habilidade dos leitores no momento de avaliar os aspectos literários de obras impressas e digitais; observar o impacto da leitura em dispositivos digitais nas práticas de leitura na escola e no ambiente familiar. É importante ressaltar que os resultados obtidos na pesquisa foram publicados no livro “*Digital Literature for Children: Texts, Readers and Educational Practices*” (Literatura digital para crianças: textos, leitores e práticas educativas).

1. REPRESENTAÇÕES DE LEITURA E TECNOLOGIA: ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Nos dias de hoje, são praticamente inexistentes representações negativas sobre a leitura de textos literários por crianças, seja na mídia ou no ambiente acadêmico. O que predomina são visões que ressaltam as inúmeras vantagens e benefícios da leitura literária para crianças. Em uma análise de artigos recentes sobre literatura infantil em periódicos acadêmicos, Kirchof e Bonin (2016) concluíram que alguns dos principais argumentos utilizados para defender o ensino de literatura infantil na escola são os seguintes: a leitura literária estimula o imaginário e a fantasia da criança, com o objetivo

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL E VIII SIMPÓSIO NACIONAL DE LITERATURA E INFORMÁTICA

Literatura e internet: arte digital, escola experimental.

JORNADA EM AÇÃO

09 a 11 de novembro de 2016
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

de formar sua subjetividade; pode “instigar a reflexão sobre questões atuais e relevantes na sociedade contemporânea” (como diferenças corporais, gênero, envelhecimento, novas configurações de família, relação da literatura infantil com a mídia, entre outros) (KIRCHOF; BONIN, 2016, p. 40).

No que se refere ao uso de aparelhos tecnológicos por parte de crianças, por outro lado, existem posições contraditórias e polarizadas. Encontramos, na mídia, reportagens informando à população sobre os “riscos” e “benefícios” do uso da tecnologia por crianças. Nesse sentido, existem duas principais posições que se manifestam frequentemente, tanto no meio acadêmico como nos meios de comunicação, as quais podem ser denominadas de “tecnofilia” e “tecnofobia”. De acordo com Rüdiger (2002), a posição tecnófila acredita em um “futuro utópico” e se baseia em um discurso entusiasmado introduzido pela novidade e pelo anseio por um novo começo, depositando, na tecnologia, a salvação das futuras gerações. Por outro lado, os tecnófobos veem a tecnologia como promotora de um “processo de decadência”, em que o próprio homem estaria em declínio (RÜDIGER, 2002, p. 16). Na visão tecnófila, as crianças teriam, através da tecnologia, acesso ao conhecimento de forma facilitada, melhorando sua concentração e interação com outras crianças. Na visão tecnófoba, por outro lado, a tecnologia é vista como um malefício, principalmente no que tange à saúde e à condição psicológica da criança.

Em uma pesquisa ampla sobre as reportagens da revista *Veja* sobre o uso de tecnologia por parte de crianças, Sandro Bortolazzo demonstrou que essa discussão é feita, na mídia de largo alcance, predominantemente através da ideia de que hoje há uma *geração digital*, denominada de vários modos, como “nativos digitais”, “geração zap”, “i-generation”, entre várias outras. (BORTOLAZZO, 2014). Sobre os nativos digitais, por exemplo, Marc Prensky (2001) afirma que esta geração está desenvolvendo um perfil de indivíduos “multitarefa” (*multi-tasking*), adquirido através do mundo dos jogos digitais.

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL E VIII SIMPÓSIO NACIONAL DE LITERATURA E INFORMÁTICA

Literatura e internet: arte digital, escola experimental.

JORNADA EM AÇÃO

**09 a 11 de novembro de 2016
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.**

Nas entrevistas que realizei com os pais, foi possível perceber, de forma recorrente, representações sobre uso de tecnologia que se enquadram ou em uma visão tecnófila ou em uma visão tecnófoba. Nas três famílias entrevistadas, há uma preocupação geral, por parte dos pais, em limitar o acesso de seus filhos à utilização dos aparelhos digitais, o que revela desconfiança sobre os conteúdos a que as crianças têm acesso na internet. Por outro lado, todos os pais também acreditam que o acesso a esses aparelhos se faz necessário, pois podem desenvolver as capacidades cognitivas das crianças através dos conteúdos ali disponíveis e dos jogos digitais. No caso de suas representações sobre leitura de textos literários, por outro lado, todos os pais revelaram uma posição segundo a qual essa atividade pode trazer apenas benefícios aos filhos.

As entrevistas cujos resultados são aqui apresentados foram realizadas no mês de julho de 2016. Foram documentadas as falas dos pais quanto aos hábitos de leitura e uso de mídias digitais por parte de seus filhos. Inicialmente, foram elaborados questionários para a organização das entrevistas. Como se trata de uma pesquisa qualitativa, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com a finalidade de propiciar uma abertura de possibilidades durante a conversa entre os pais e a pesquisadora. Para tanto, foram organizados dois eixos temáticos para a construção das entrevistas: 1- Hábitos de leitura; 2 – Uso de mídias digitais. No primeiro eixo, o objetivo é verificar os hábitos de leitura dos pais e das crianças, se há momentos de contação de histórias, quem costuma ler, quais tipos e como essas histórias são escolhidas. No segundo eixo, em relação aos usos de mídia digital, as perguntas visavam verificar se as crianças têm acesso a aparelhos digitais (televisão, tablet, Ipad, computador), como estes são utilizados e durante quanto tempo.

1.1. Representações de leitura

No que tange à leitura literária, todos os pais representaram a leitura como uma prática comum, naturalizada, frequente, incorporada ao dia-a-dia das famílias. Assim,

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL E VIII SIMPÓSIO NACIONAL DE LITERATURA E INFORMÁTICA

Literatura e internet: arte digital, escola experimental.

JORNADA EM AÇÃO

09 a 11 de novembro de 2016
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

partem do pressuposto de que é algo naturalmente benéfico. As principais ações narradas referem-se aos hábitos de leitura, ao uso de bibliotecas, às preferências das crianças e aos modos de contar as histórias. Em relação aos hábitos de leitura, nas três famílias, encontramos diversas atividades narradas pelos pais, como forma de inserirem as crianças no universo da leitura. A preferência pelas crianças em frequentarem uma biblioteca, seja da cidade ou da própria escola, é vista pelos pais como algo positivo e que deve ser incentivado

Em duas famílias entrevistadas, a leitura predominou como prática frequente do cotidiano das crianças. Gabriel⁴, de 3 anos, por exemplo, tem preferência por livros de atividades e histórias contadas, geralmente antes de dormir. As histórias são geralmente contadas pelo pai, que, em relato na entrevista, comenta que solicita ao filho sua participação na história, fazendo algumas perguntas relativas à interpretação ou ao que determinado personagem fez/era.

Mãe: Ele gosta mais desses assim, ele olha os outros livrinhos, mas ele gosta mais de história contada. O Davi (pai) cria as histórias e conta pra ele de noite, quase toda noite.

Pai: Às vezes são histórias tradicionais e às vezes eu invento a história mesmo.

Mãe: Daí ele gosta mais de ouvir o conto do que ler. Ler para ele nós não lemos tanto quanto gostaria...

Pai: Ler assim, de pegar os livrinhos dele e ler as histórias para ele às vezes nós fazemos, mas não é tão frequente. Ele prefere a história contada

Na família das duas meninas, Elena e Isabella, de 4 e 7 anos, respectivamente, os pais também costumam ler histórias antes de dormir, principalmente para a filha menor, exigindo, da filha mais velha, que leia sozinha, como uma forma de incentivo. No quarto das crianças, encontramos uma caixa repleta de livros, principalmente os favoritos escolhidos pelas meninas. O interesse pela leitura é evidenciado principalmente na preocupação dos pais em frequentar a biblioteca pública da cidade, onde cada uma tem a oportunidade de escolher uma obra. Em função das atividades da escola, a mãe relata que as leituras diminuíram, principalmente para a filha mais velha

⁴ Os nomes foram substituídos de forma a preservar as identidades dos participantes.

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL E VIII SIMPÓSIO NACIONAL DE LITERATURA E INFORMÁTICA

Literatura e internet: arte digital, escola experimental.

JORNADA EM AÇÃO

**09 a 11 de novembro de 2016
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.**

(7 anos), que possui tarefas longas, geralmente solicitadas três vezes por semana pelos professores, fato que também influenciou na leitura da menina mais nova:

Mãe: Antes de dormir, a gente contava todo o dia, só agora que ela tem três temas por semana...e ainda um livro pra ler...e está só naquele livro e ela mesma tem que ler sozinha agora (referindo-se a Isabella)...mas antes a gente lia toda noite...pra Elena a gente lê...mas antes de dormir...só este ano mudou por causa que entrou tema, mas antes era toda noite assim, elas escolhiam na caixa e então lia a história...Só que agora mudou porque ela tem que ler (Isabella)...ela pega na biblioteca, lê sozinha e ainda têm três temas por semana assim, e são temas compridos e daí a leitura diminui um pouco...

Na outra família (Ana Paula, 8 anos e Rafael, 10 anos), por outro lado, percebeu-se a preocupação dos pais em incentivar a prática de leitura das crianças, entretanto, não há grandes esforços para o estímulo, sobretudo quando o pai cita que há compras de livros apenas quando solicitada pelos filhos. Outro fator a considerar em relação ao incentivo é a dificuldade dos pais, na entrevista, em relatar as preferências de leitura de seus filhos, sendo explícito o pouco espaço dado à leitura no ambiente familiar, como evidenciado, por exemplo, no excerto a seguir:

Pesquisadora: E sobre os livros...você costumam comprar bastante livros pra eles?
Mãe: Aí, bastante não, mas sempre...a gente gosta de levar eles na feira do livro...sempre deixa eles escolherem algum livro...
Pai: Quando vai na feira sempre se compra um livro... mas no dia-a-dia assim...eventualmente quando tem uma novidade que eles querem daí a gente vai lá e compra...

1.2. Representação de uso de tecnologia por parte das crianças

Há um consenso, entre as famílias, de que o uso da tecnologia é saudável, se controlado e mediado pelos pais. Nas entrevistas, os pais representaram o uso de tecnologia por parte de seus filhos como algo já incorporado e naturalizado na dinâmica familiar. As principais atividades narradas como realizadas pelas crianças com os aparelhos são jogar, assistir televisão e escrever. Na medida em que narravam sobre as atividades das crianças com os aparelhos, os pais também realizaram alguns juízos de valor. De um lado, defenderam o uso com base em argumentos tecnófilos: tecnologia é

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL E VIII SIMPÓSIO NACIONAL DE LITERATURA E INFORMÁTICA

Literatura e internet: arte digital, escola experimental.

JORNADA EM AÇÃO

09 a 11 de novembro de 2016
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

importante para um bom futuro dos filhos; tecnologia serve como entretenimento; tecnologia auxilia no desenvolvimento cognitivo. De outro lado, também expressaram receios de que a tecnologia seja algo perigoso, que precisa ser controlado e mediado. Os principais argumentos levantados foram os seguintes: tecnologia vicia; tecnologia permite o acesso a conteúdos de consumo ou impróprios às crianças; tecnologia pode ser perigosa; o uso de aparelhos digitais, embora necessário, deve ser limitado quanto ao tempo de uso.

Na família de Gabriel (3 anos), em relação à utilização do computador, o menino tem preferência pela prática de escrita proporcionada pelo aparelho, onde o pai soletra uma palavra e a criança digita. Segundo os pais, o menino parece ficar imerso no tablet (de 2 a 3 horas por dia), de modo que possam realizar suas tarefas, sendo o tablet utilizado nesta família como uma espécie de “babá eletrônica”, entretendo a criança nos momentos necessários. O benefício é visto pelos pais quando há jogos com objetivos educativos, principalmente aqueles que auxiliam no desenvolvimento cognitivo da criança:

Pai: Mas assim, ele gosta muito de joguinho no tablet... Isso eu até não acho tão... Tudo bem, talvez seja até a questão do tempo que ele passa...talvez possa ser demasiado... Mas os joguinhos que ele joga... São joguinhos de coordenação motora, de aprender as cores, de aprender inglês... assim a falar inglês... Então assim, ele olha os desenhos na Netflix também, mas ele gosta muito de jogar os joguinhos do Minion, do Angry Bird, coisas assim...

Mãe: É, mais educativos alguns...

Pai: É, e tem os joguinhos educativos também.. Tem joguinhos do LEGO.. de montar as coisas, então ele tem que pegar as peças e...Na verdade ele só leva com o dedo e monta no lugar, então pelo menos...

Mãe: Mas daí ele já brinca com o LEGO em si né...Ele tem o LEGO e já monta o LEGO dele sozinho também... essas coisas assim...

Pai: Então eu acho assim...O tipo de joguinho que ele joga...eu acho que são bem... ele não joga joguinho de luta, de coisas assim.. Então eu acho que são joguinhos que, ou desenvolvem a coordenação, a atenção, o raciocínio lógico e reação, reflexo e tal...Então eu acho que é benéfico...

Por outro lado, os pais perceberam, nessa prática, um vício por parte da criança, que necessita ser mediado e controlado. Entretanto, comentam que, mesmo sendo

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL E VIII SIMPÓSIO NACIONAL DE LITERATURA E INFORMÁTICA

Literatura e internet: arte digital, escola experimental.

JORNADA EM AÇÃO

**09 a 11 de novembro de 2016
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.**

excessivo o uso do dispositivo, a criança intercala com outras atividades, como jogar bola, correr, pular corda, entre outras.

A preocupação dos pais reside principalmente no apelo da mídia em relação ao consumo de brinquedos, nos canais de programas infantis. Como forma de reduzir este deslumbramento causado pelos comerciais de brinquedos, os pais costumam gravar os episódios dos programas de desenhos escolhidos pelo menino, bloqueando alguns programas “impróprios” que passam na TV, pois a criança já adquiriu certa independência em relação aos aparelhos digitais:

Pai: Mas ele é bem independente assim... e aí às vezes ele está jogando e aparece propaganda do outro joguinho...daí "aqui pai, outro joguinho o que é?" "ah, esse não, esse aí tem que comprar, esse aí não dá"...a gente só baixa os gratuitos né...

Mãe: E ele é bem tranquilo né quanto a isso...

Pai: Sim...

Mãe:...a maioria dos desenhos que ele olha são gravados...

Pai: Isso ajuda também...

Mãe: Isso é bom porque daí a gente pode passar as propagandas também...Daí não fica aquele monte de...

Pai: Que desenho na tv quando passa nos canais pra as crianças... metade... tem às vezes dez minutos de propaganda só com brinquedo...

Na família das duas meninas, Elena e Isabella, os pais tentam reduzir ao máximo o uso de aparelhos digitais, dando preferência a outras atividades, como natação e ballet, por exemplo. Na casa, as crianças não possuem tablet nem computador, têm acesso apenas à televisão e ao celular dos pais. Em relação à utilização da televisão, os pais procuram controlar sempre o que as meninas estão assistindo, nunca as deixando livres e sozinhas em frente à televisão. O fato de não permitirem o uso do tablet é justificado quando comentam que não desejam que suas filhas permaneçam imersas em jogos e outros conteúdos inapropriados. Além disso, tiveram conhecimento de que o uso do tablet é adequado a partir dos 9 anos de idade, em função da saúde ocular da criança. Em contrapartida, a utilização é necessária, mas devem ser estabelecidas regras, segundo a fala dos pais, pois os amigos e colegas de escola já possuem tablet/celular, não sendo, muitas vezes, possível bloquear o acesso das meninas à tecnologia:

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL E VIII SIMPÓSIO NACIONAL DE LITERATURA E INFORMÁTICA

Literatura e internet: arte digital, escola experimental.

JORNADA EM AÇÃO

09 a 11 de novembro de 2016
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

Mãe: A gente não comprou tablet porque...pra elas não ficarem ali só no...

Mãe: E a gente leu que é... uma pesquisa a partir de nove anos que é indicado até pela visão, pra criança...Não é bom ficar no...

Pai: Mais é pela questão de...ficar só jogando e assim joga, no celular, pouco né, mas daí o celular não é delas, é nosso... então só pega...tem que pedir pra gente, não fica à disposição delas, por isso que a gente decidiu não dar um tablet pra elas...claro que, eventualmente assim, não tem...elas podem usar, tendo uma regra assim, já começa a se usar cada vez mais, os amigos têm...

Por último, na família das crianças maiores, o uso da tecnologia assusta os pais, de certa forma. O medo aparece quando comentam que, muitas vezes, não sabem o que seus filhos estão assistindo, ao mesmo tempo em que afirmam ser necessário sua utilização pelo fato de toda a comunicação de hoje ser feita através da internet e de aparelhos digitais. O medo vivido pelos pais pode ser visto nas falas em que remetem o perigo que o acesso a certos conteúdos pode causar:

Pai: Eu acho que hoje é uma tendência da realidade que a gente está vivendo...não tem como tu não incentivar...porque toda...a comunicação hoje é baseada pela internet...então tudo as novidades que tem hoje vão estar ali né...

Mãe: Só que esse avanço assusta um pouco...porque...uma coisa que eu e o Iran, a gente conversa é...ah, vamos deixar...a gente sempre esperou chegar o momento certo de eles terem determinadas coisas, que nem agora...os nossos não têm celular ainda...eu acho que ainda não é o momento...mas vai chegar um momento que eles vão ter que ter, porque hoje a geração está usando né...está todo mundo usando...é a nossa realidade hoje...mas ao mesmo tempo, a gente tem uma preocupação "o que que eles estão mexendo? O que que eles estão vendo? O que que eles estão acessando?"...Eu quero que eles descubram, que eles saibam, mas com precaução, cuidado, assim...eu estou sempre em cima...ele está jogando, ele está vendo algum vídeo, eu tento estar sempre em cima...Mas até a própria escola dá muito trabalho em cima da internet, de buscas né...a gente tem visto bastante assim...Então, tem que usar.

**IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL E VIII SIMPÓSIO NACIONAL
DE LITERATURA E INFORMÁTICA**

Literatura e internet: arte digital, escola experimental.

JORNADA EM AÇÃO

**09 a 11 de novembro de 2016
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.**

Referências

ALIAGAS, Cristina; MARGALLO, Ana M. Ipads, Emergent Readers and Families. In: MANRESA, Mireia; REAL, Neus. *Digital Literature for Children: Texts, Readers and Educational Practices*. Bruxelas, Bélgica: P.I.E. Peter Lang, 2015.p. 155-171.

BORTOLAZZO, Sandro Faccin. A Geração Digital como identidade cultural na contemporaneidade. *X ANPED SUL*, Florianópolis, 2014, p 2-18

DU GAY, Paul et. Al. *Doing Cultural Studies: The story of the Sony Walkman*. London: Sage, 2003.

HALL, Stuart (Ed). *Representation. Cultural Representations and Signifying Practices*. London/Thousand Oaks/ New Delhi: Sage, 1997.

KIRCHOF, Edgar Roberto; BONIN, Iara Tatiana. Literatura infantil e pedagogia: tendências e enfoques na produção acadêmica contemporânea *Pro-Posições*, Campinas, v. 27, n. 2, p. 21-46, ago. 2016 .

MANRESA, Mireia. Traditional Readers and Electronic Literature. An Exploration of Perceptions and Readings of Digital Works. In: MANRESA, Mireia; REAL, Neus. *Digital Literature for Children: Texts, Readers and Educational Practices*. Bruxelas, Bélgica: P.I.E. Peter Lang, 2015.p.105-120.

PRENSKY, Marc. Digital Natives, Digital Immigrants, Part II: Do They Really Think Differently. *On the horizon*, NBC University Press, v. 10, n. 6, dez. 2001.

RÜDIGER, Francisco. *Elementos para a crítica da cibercultura: sujeito, objeto e interação na era das novas tecnologias de comunicação*. São Paulo: Hacker editores, 2002.